

A RELEVÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES: UMA ANÁLISE COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

Geisa Borges da Costa (UFBA)

gbdcosta@ufba.br

Patrícia Oliveira dos Santos (UFRB)

patioliveira1997@gmail.com

RESUMO

O artigo tem por objetivo refletir sobre a importância da leitura de obras literárias, dando ênfase ao trabalho realizado com jovens do ensino médio. Inicialmente, foi realizado um estudo bibliográfico sobre a importância da leitura e da literatura na vida dos indivíduos. Toma-se como base teórica as discussões empreendidas por Maria Helena Pires Martins (1982), Esméria de Lourdes Saveli (2007), Angela B. Kleiman (2008) e Delia Lerner (2008) que tratam sobre o processo de letramento literário no contexto escolar. Além disso, essas autoras discutem sobre algumas das principais dificuldades enfrentadas pelos professores da educação básica e apresentam alternativas que podem colaborar para o aumento do número de estudantes leitores. Apresentamos algumas discussões de Paulo Freire (2008) sobre a importância do “ato de ler”, seguido dos argumentos de Leyla Perrone-Moisés (2016) acerca do “conceito de literatura”. Posteriormente, descrevemos algumas das diferenças abordadas pela autora sobre texto literário e não literário. Logo depois, abordamos como vem acontecendo o processo de escolarização da literatura, utilizando como base as teorias de Rildo Cosson (2006). A realização da pesquisa quanti-qualitativa teve por motivação índices que mostram pouco contato dos jovens com textos literários e, frente a esse cenário, buscamos entender quais os motivos para esse problema. Para tanto, foi aplicado um questionário em uma turma de alunos do terceiro ano do ensino médio. Ao final, foi possível constatar que, embora tenham consciência da importância da literatura para suas vidas, os estudantes não têm prática de leitura e quando a faz é somente por obrigação não por prazer.

Palavras-chave: Leitura. Letramento literário. Ensino médio.

ABSTRACT

The article aims to reflect on the importance of reading literary works, emphasizing the work done with high school youth. Initially, a bibliographic study was conducted on the importance of reading and literature in the lives of individuals. The theoretical basis is the discussions undertaken by Martins (1982), Saveli (2007), Kleiman (2008) and Lerner (2008) that deal with the literary literacy process in the school context. In addition, these authors discuss some of the main difficulties faced by teachers of basic education and present alternatives that may contribute to the increase in the number of student readers. We present some discussions by Freire (2008) about the importance of the “act of reading”, followed by Perrone's (2016) arguments about the “concept of literature”. Subsequently, we describe some of the differences addressed by the author about

literary and non-literary text. Soon after, we approach how the process of schooling of literature has been happening, based on the theories of Cosson (2006). The performance of the quantitative and qualitative research was motivated by indexes that show little contact of young people with literary texts and, in view of this scenario, we seek to understand the reasons for this problem. Therefore, a questionnaire was applied to a class of third year high school students. In the end, it was found that although they are aware of the importance of literature for their lives, students do not have reading practice and when doing it is only for obligation not for pleasure.

Keywords: Reading. Literary literacy. High school.

1. Introdução

A leitura é uma prática social que interfere diretamente na formação social dos cidadãos. Desse modo, o pouco contato dos indivíduos com a leitura pode acarretar inúmeros problemas. Nesse sentido, Elaine Cristina Liviero Tanzawa afirma que

desde a década de 1980, estudiosos franceses vêm se debruçando sobre o efeito das dificuldades apresentadas por estudantes em relação à leitura, investigadas inicialmente nos anos 70 por investigadores socioculturais e psicopedagogos, os quais analisaram as dificuldades apresentadas por alunos ao longo da fase inicial de sua escolarização. (TANZAWA, 2009, p. 17)

O intuito dos estudiosos era identificar os problemas no processo de ensino e aprendizagem desses estudantes para desenvolverem medidas que pudessem auxiliar nessas dificuldades. Elaine Cristina Liviero Tanzawa (2009) não apresenta os resultados da pesquisa, porém, analisando a situação que presenciamos atualmente, é possível constatar que os problemas levantados pelos estudiosos da década de 80 ainda persistem.

Dentre os problemas no aprendizado dos estudantes, observamos que a falta de leitura é um dos mais recorrentes, isto é, o pouco contato com a leitura pode desencadear algumas consequências, ou seja, o não ler e a distância da literatura, como um todo, contribuem para uma formação juvenil desprovida de senso crítico.

A pesquisa que aqui se apresenta buscou entender as razões pelas quais muitos dos jovens ainda apresentam resistência em ler obras literárias. Para isso, realizamos inicialmente um estudo bibliográfico para saber o que outros escritores discutem sobre o tema, seguido de uma pesquisa de campo no colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição que está localizado na cidade de Varzedo (BA).

1.1. Concepções de leitura

O processo de leitura pode ser compreendido considerando-se vários pontos de vista ou perspectivas de estudo. Segundo Maria Helena Pires Martins, “podemos ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas o mais comum é pensarmos em leitura de livros” (MARTINS, 1982, p. 7). Desse modo, o livro será sempre o veículo considerado por muitos como o mais importante instrumento para as inúmeras formas de texto que circulam pelo mundo.

O ato da leitura não se resume somente a decifrar o que está escrito. No entanto, na maioria das vezes, fazemos somente leituras superficiais e o ato de ler torna-se mecânico, e aquilo que está sendo lido, se não estiver ligado a alguma experiência ou necessidade nossa, acaba passando despercebido a nossos olhos.

As circunstâncias geralmente influenciam nas leituras que fazemos ao longo da vida e na importância que atribuímos a elas. Existem momentos em que lemos um livro e não vemos sentido nenhum no que foi lido; ao lê-lo novamente, com uma mentalidade diferente, ele pode nos dizer muito mais do que imaginávamos. “Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem fazemos mesmo sem ser ensinados” (MARTINS, 1982, p. 34). Desse modo, é necessário que compreendamos a nós mesmos para que os textos lidos tenham algum sentido.

Socialmente, tem-se a ideia de que somente pessoas letradas possuem a capacidade de fazer boas leituras. Isso se dá pelo fato de que, uma vez alfabetizados, a maioria das pessoas realiza as leituras sem interesse e com fins pragmáticos, mesmo sabendo que poderão inteirar-se mais com o mundo e conquistar uma maior autonomia. O que deveria ser feito é não somente decifrar os sinais, mas dar sentido a eles e tentar compreendê-los. “Importa, antes, começarmos a ver a leitura como instrumento libertador e possível de ser usufruído por todos, não apenas pelos letrados” (MARTINS, 1982, p. 34). Isso significa dizer que todos, independente das convenções sociais, podem usufruir da forma que acharem cabível dessa importante ferramenta de libertação dos conceitos impostos pela sociedade.

1.2. Práticas de leitura no contexto escolar

A escola ainda é considerada como o principal lugar em que os estudantes podem ter contato com obras literárias. Entretanto, é necessário

pontuar que, apesar dessa responsabilidade ser depositada somente sobre as instituições de ensino, nem sempre o trabalho voltado para a leitura e a produção escrita conseguirá ser realizado com êxito. São problemas antigos, mas que persistem ao longo das gerações. Esses problemas, quase sempre são de ordem sistemática, ou seja, o próprio sistema de ensino limita e, em alguns casos, inviabiliza o processo de leitura de obras de qualidade que possibilitaria aos alunos uma gama de conhecimentos sobre a vida e a sociedade.

Maria Helena Pires Martins pontua que os manuais escolares, os quais deveriam contribuir no processo de leitura dos estudantes, na maioria das vezes são manuais de ignorância que mais inibem do que incentivam o gosto pela leitura. “Tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascaradas por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores”. (MARTINS, 1982, p. 26)

Além disso, outros fatores podem influenciar na ineficácia das práticas de leitura literária na escola. Os mais frequentes são: a precariedade da formação dos profissionais docentes, a priorização dos manuais didáticos e a própria escola que não compreende que a leitura perpassa todas as formas de aprendizagem, “aprender a manejar essa linguagem, ler e escrever, é entrar no mundo de suas funções” (SAVELI, 2007, p. 110), ou seja, o domínio da leitura e da escrita permite dar uma linguagem aos pensamentos, dar um sentido às coisas.

As leituras de textos literários devem ser reconhecidas como algo que direciona os alunos aos questionamentos e, conseqüentemente, os torna seres humanos mais críticos e reflexivos. Entretanto, é necessário estar atento às interpretações dos textos e isso exige que as barreiras das práticas de leitura na escola sejam superadas, pois essas, na maioria das vezes, consideram a escrita como um sistema de transcrição oral e a leitura como forma de decodificação. Esméria de Lourdes Saveli utilizando do pensamento de Jean Foucambert diz que:

o desafio que precisa ser posto a escola, para romper com essa crença, passa pela conscientização da verdadeira natureza da leitura, e, portanto, por uma reflexão sobre as condições necessárias para o seu aprendizado. (FOUCAMBERT, *apud* SAVELI, 2007, p. 112)

Dito de outro modo, é necessário, em primeiro momento, que a escola entenda a importância da leitura de textos literários, para que um trabalho direcionado possa ser feito com o intuito de levar às condições

necessárias que permitam que os estudantes tenham acesso a esse mundo tão vasto de textos.

Além disso, é fundamental que a escola extirpe as práticas de leitura que estão voltadas somente para a decifração e abra espaços para que a leitura se torne uma prática prazerosa e agradável. Essa é uma luta difícil, já que, desde os anos iniciais, o acesso e os estímulos apresentados aos estudantes são extremamente limitados. Porém, esse debate é essencial, já que a leitura é uma das poucas ferramentas capazes de dar movimento aos pensamentos e permitir que compreendamos a natureza das relações sociais e, sobretudo, compreendamos os aspectos que envolvem a humanidade.

Porém, é importante ressaltar que é “impossível tornar-se leitor sem que haja uma contínua interação com um espaço onde as razões para ler sejam intensamente vividas” (SAVELI, 2007, p. 114), ou seja, é necessário um trabalho constante de incentivo aos estudantes para que estes possam, também, descobrir que a leitura transcende o ato da decodificação de textos e, para que isso aconteça, é necessário que os textos apresentados possam fazer uma associação com a realidade que os estudantes vivenciam, pois o distanciamento das realidades presentes em alguns textos faz com que os estudantes desconsiderem a importância daquela leitura na sua vida social.

Apontando para o conceito acima, Angela B. Kleiman propõe a ideia de que “em qualquer instituição, até as mais inflexíveis e sedimentadas, há espaço para mudar, no dia a dia, situações que parecem imutáveis, pois os contextos não estão dados; os participantes na interação criam, de fato, contextos de ações” (KLEIMAN, 2008, p. 25), ou seja, é perfeitamente possível, agindo com a participação dos membros da escola, uma intervenção que contribua para a formação de novos leitores.

Ademais, salientamos que é extremamente necessário ultrapassar a concepção da leitura somente como avaliação escolar, e começar a mostrar a leitura como algo capaz de nos fazer compreender a realidade e situarmos na vida social.

1.3. A leitura na sala de aula: o real, o possível e o necessário

Um dos maiores desafios das escolas é o de conseguir inserir todos os alunos no hábito da leitura e da escrita. Delia Lerner (2008) traz discussões em torno do que é realmente necessário fazer para que a escola funcione como uma microcomunidade de leitores e escritores.

Segundo ela, é necessário que a leitura e a escrita sejam mostradas como sendo fundamentais para a realização de práticas sociais. A apropriação do conhecimento de textos escritos deve ser vista como algo de fundamental importância que precisa ser dominado por todos. E a utilização dessas práticas no âmbito escolar deve ser feita com o auxílio de textos que ajudem na construção do estudante enquanto um ser social, pensante e reflexivo.

As metodologias de ensino devem também ser repensadas, pois, segundo as ideias de Delia Lerner (2008), “o ensino põe em primeiro plano certos aspectos em detrimento de outros que seriam prioritários para formar os alunos como leitores e escritores [...]” (LERNER, 2008, p. 21). A importância exagerada que é dada às questões ortográficas, por exemplo, deveria ser algo a ser repensado, pois muito tempo de aula acaba sendo perdido para discutir questões de ordem técnica da língua, ao invés de serem aproveitados com discussões enriquecedoras em torno do que é realmente importante na construção identitária dos jovens.

Ainda que não exista uma fórmula mágica que possibilite o aluno se tornar um leitor assíduo, existem estratégias que podem e devem ser tomadas pelos professores para que os estudantes comecem a ler pelo prazer do texto. É um grande desafio preparar leitores que não somente decifrem, mas apreciem as palavras escritas e tragam o conhecimento adquirido para sua vida e sua relação com as pessoas e, para que isso aconteça, é necessário que o professor ajude a

formar seres humanos críticos capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente a mantida explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade dos outros. (LERNER, 2008, p. 28)

É importante formar indivíduos que sejam muito mais que simples leitores. Eles devem ser incentivados a apreciar a qualidade das obras literárias, podendo ler e refletir sobre o que se encontra subtendido nas entrelinhas do texto. Segundo Delia Lerner, “assumir esse desafio significa abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido” (LERNER, 2008, p. 28). Isso implica renunciar ao comodismo e buscar, de diferentes maneiras, apresentar leituras que tenham significado dentro da realidade vivenciada pelos alunos.

Delia Lerner afirma que é necessário dedicar tempo escolar ao ensino da leitura e que “definir como objeto de ensino as práticas sociais de leitura [...] supõe dar ênfase aos propósitos da leitura [...] em distintas

situações” (LERNER, 2008, p. 57). Isto significa dizer que é preciso mostrar aos alunos as diferentes formas de ler, o motivo pelos quais as pessoas leem e as transformações que podem acontecer quando eles tiverem pleno domínio dos textos.

Factualmente, as instituições de ensino têm como objeto principal o ensino de língua, principalmente, em seus aspectos descritivos e normativos. As práticas de leitura são ausentes na maioria dos casos e os efeitos causados por essa ausência são evidentes, principalmente, no quesito de desigualdades sociais, pois, aqueles que têm oportunidades de ler bons textos, têm possibilidades maiores de adentrar ao ensino superior.

Apesar de ser um grande desafio, é necessário pensar de maneira otimista em relação às ações que podem ser desenvolvidas pela escola. É importante que as instituições pesquisem formas de favorecer a sobrevivência da leitura na escola levando em consideração as necessidades dos alunos, para que todos possam se tornar leitores assíduos, questionadores e reflexivos.

Como bem pontua Delia Lerner (2008), a leitura na escola, além de ser objeto de ensino, deve ser também um objeto de aprendizagem. E para que a aprendizagem de fato aconteça, é preciso que tenha sentido do ponto de vista do aluno. Isso significa dizer que, por mais complexa que seja a obra ou texto literário a ser trabalhado, é de extrema importância que ele tenha um propósito motivador, que faça com que os alunos iniciem e terminem as leituras e consigam tirar delas algum aprendizado.

Posto isso, é importante ressaltar que o incentivo à leitura de textos literários dentro das escolas é uma das maneiras mais eficazes de criar leitores conscientes, que conseguirão refletir sobre o mundo em que vivem tornando-se mais esclarecidos que aqueles que vivem alienados por outros meios de comunicação.

1.4. Leitura literária e seu processo de escolarização

De acordo com Rildo Cosson (2006), quando se fala em literatura, existe uma grande resistência por parte dos professores, alunos e da própria sociedade, pois a maioria das pessoas acredita que é um saber desnecessário e que é algo inútil para ser trabalhado nas escolas. Desse modo, o saber literário acaba sendo tratado como um apêndice da Língua Portuguesa.

Esse tipo de pensamento acaba fazendo com que o conhecimento literário, transmitido durante o período de escolarização, seja restrito a uma leitura simples e superficial no ensino fundamental e ao ensino das escolas literárias no ensino médio. As metodologias inadequadas acabam inibindo o interesse dos estudantes em ter conhecimento em literatura.

No campo literário, o processo de letramento acontece quando estudamos obras literárias que nos trazem alguma reflexão. Para Rildo Cosson (2006), através do exercício de leitura aliada com a escrita, é possível que as regras impostas pelos discursos padronizados sejam dominadas e assim é construído um modo próprio de se fazer linguagem e de dominá-la. Isso ocorre, pois a literatura é plena de saberes sobre o homem e sobre o mundo.

Rildo Cosson afirma que “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência, como também vivenciar essa experiência” (COSSON, 2006, p. 17). Ou seja, a maioria das histórias, sejam elas reais ou fictícias, nos permite visualizar uma determinada situação pelos olhos de outra pessoa e tirar, ou não, aprendizados das situações vivenciadas pelos personagens.

Entretanto, o trabalho com a literatura nas salas de aula não dá ênfase ao letramento literário e à subjetividade do texto. Normalmente, as aulas de literatura estão vinculadas à disciplina de língua portuguesa e, por conta disso, ou o texto literário é renegado ao esquecimento, ou ele é utilizado como mote para o ensino de regras gramaticais.

No ensino médio, muitos alunos reclamam da forma superficial como a literatura é trabalhada. Normalmente, a escola prioriza o estudo dos períodos literários, o nome dos autores e das obras. Os textos propriamente ditos são deixados em segundo plano e, por conta disso, a maioria dos alunos veem a literatura como algo enfadonho e sem sentido algum para suas vidas.

Com relação à seleção dos textos, é preciso que os professores tenham em mente que os alunos precisam aproximar-se deles. Desta forma, no primeiro momento, é preciso que eles tenham contato com obras de linguagem mais próxima da sua realidade e, posteriormente, com leituras mais complexas. Eles precisam amadurecer a linguagem e a forma como leem textos literários para que possam evoluir na seleção dos textos. Rildo Cosson salienta que “crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do

professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece”. (COSSON, 2006, p.35)

Para Rildo Cosson (2006), começar com leituras mais simples não significa desprezar o cânone e se apoiar somente na contemporaneidade, o essencial é que haja um equilíbrio e que, antes de pedir que os alunos leiam, possamos explicar a eles como se processa a leitura. Ele diz que existem três etapas: a primeira é a antecipação que é, basicamente, o primeiro contato do estudante com os textos onde ele deve saber previamente sobre o que se trata a leitura que será feita. A segunda etapa é a decifração, que acontece quando o leitor compreende sobre o que se trata o texto, e a terceira etapa acontece quando há a interpretação. Esta depende basicamente do diálogo entre o que o autor escreveu, a forma como o leitor compreendeu e das convenções que existem na sociedade.

Desta forma, além de incentivar o contato com a leitura de obras literárias, é importante que o professor faça abordagens que permitam que os alunos realizem críticas, fazendo um paralelo entre o que se encontra nas obras com sua própria vida e a sociedade. Com isso, eles poderão evoluir intelectualmente, além desenvolver senso crítico e reflexivo.

2. *O percurso metodológico e análise dos dados*

O espaço escolhido para a realização deste trabalho de pesquisa foi o Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição (CENSC), situado no município de Varzedo (BA). A pesquisa foi realizada com 20 alunos de uma das turmas de 3º ano do turno matutino no dia 8 de junho de 2018. A escolha desse público se deu por conta da faixa etária em que se encontram e por estarem em ano de conclusão da educação básica, prestes a ingressarem nas universidades.

O tipo de estudo realizado teve como base a análise qualitativa e quantitativa, sendo que a análise qualitativa teve como fonte de dados o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.

A análise buscou, primeiramente, por meio de pesquisas bibliográficas, reconhecer as características do problema e, posteriormente, por meio do contato direto com os estudantes, procurou compreender quais obras literárias estão sendo lidas e os principais motivos que podem afastar os alunos dos textos literários.

A ferramenta utilizada para a coleta de dados foi um questionário que “é um instrumento, constituído de uma série ordenada de perguntas” (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 184). O questionário utilizado foi composto por perguntas abertas e fechadas. Nas questões abertas, os estudantes puderam responder livremente, expressando suas opiniões sobre a temática apresentada. Nas perguntas objetivas, os informantes dispunham de alternativas fixas, em que as opções se encontravam estruturadas junto ao questionamento e nestas o informante tiveram a possibilidade de assinalar uma ou várias alternativas apresentadas.

A análise dos dados revela que a maioria dos jovens não possui o hábito de ler obras literárias. Ao serem indagados sobre terem ou não o hábito da leitura, 85% dos estudantes afirmaram não ter o hábito de ler textos desse grupo específico. Somente 15% assinalaram positivamente.

O que chama atenção nessa questão é que, ao serem questionados pouco antes da aplicação do questionário, muitos destacaram a leitura de textos literários como algo importante para suas vidas e, com isso, é possível perceber que, apesar de não terem desenvolvido a prática de leitura, eles apresentam uma postura consciente em relação a esse fato.

Desta forma, para que a prática da leitura seja frequente e os estudantes se tornem leitores com proficiência, é necessário que os professores instiguem a criticidade de seus alunos para que eles vejam a partir dos textos que o mundo vai além do limite visual ao qual estão habituados, enxerguem a si mesmos como agentes transformadores de suas realidades e compreendam que, através da ascensão educacional, é possível interferir em suas realidades.

A questão seguinte buscou identificar os motivos pelos quais os alunos não têm o hábito da leitura de textos literários. Algumas das respostas já eram esperadas; outras, no entanto, acabaram surpreendendo.

Um percentual de 47% dos estudantes assinalou que não tem o hábito de ler textos literários, pois, na escola esse tipo de atividade é feito somente de forma obrigatória, sendo, portanto, um mero objeto de avaliação. Nesse sentido, é possível lembrar dos argumentos apresentados por Delia Lerner (2008), que fala sobre como as metodologias utilizadas por muitos professores dificultam o despertar leitor dos alunos. Quando priorizam o aspecto da avaliação em detrimento da leitura como forma de reflexão, estes professores inibem o prazer literário dos estudantes.

Além disso, os resultados dessa pesquisa confirmam os dados apresentados por Maria Helena Pires Martins (1982), que constatou que a leitura dentro das salas de aula é realizada somente por obrigação e não por prazer. Sendo assim, faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas com a leitura nas escolas, pois, considerando que a leitura é uma ferramenta essencial na construção e formação de indivíduos leitores, sua realização com limitações didáticas pode acabar comprometendo a formação de leitores. É fundamental pensar essa formação a partir da perspectiva do letramento, onde as velhas práticas de análises rasas e estudos da obra restritos às características literárias do período seriam substituídos por discussões reflexivas acerca do texto lido.

Nessa perspectiva, podemos compreender que, ao ser realizada de forma superficial, somente como objeto avaliativo, torna-se praticamente impossível auxiliar os estudantes em sua formação literária, cultural e social, principalmente, em questões ligadas à autonomia e criticidade deles.

Na alternativa seguinte, que diz respeito à sobrecarga de atividades escolares que inviabilizam o tempo de leitura, 11% dos estudantes manifestou ser esse um dos motivos pelos quais eles não têm o hábito de ler. Desta forma, podemos observar que a escola ainda vem priorizando muitas atividades em detrimento de outras e que isso tem sido um fator de grande interferência no processo de formação de estudantes leitores.

A pesquisa também mostrou que 26% dos alunos fazem a substituição da leitura pelo uso da internet e aparelhos eletrônicos. O uso da internet e das novas tecnologias vem ocupando muito tempo na vida das pessoas e, mesmo que essas ferramentas possibilitem a realização de leituras, a maioria delas não possui critério de seleção e as informações nelas contidas são superficiais e irrelevantes, não contribuindo em nada na formação social e intelectual dos indivíduos.

Leyla Perrone-Moisés (2016) argumenta que um dos motivos pelos quais a literatura está sendo considerada como uma arte em declínio “é o impacto das mutações tecnológicas, em especial da informatização que, se por um lado beneficia a produção e o comércio de livros, por outros privilegia a leitura rápida em detrimento da leitura lenta e reflexiva [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 23). A partir disso, podemos compreender como a tecnologia, apesar de ser uma ferramenta útil para a divulgação de textos literários, pode apresentar lados negativos se utilizada de maneira incorreta.

Em vista disso, Margarida Soares (2010) afirma que é necessário criar práticas pedagógicas que atendam essas inovações, pois é evidente que os avanços tecnológicos possibilitaram uma grande e significativa produção cultural, ao qual é importante que os estudantes tenham conhecimento. No entanto, é importante que os jovens sejam orientados sobre maneiras adequadas de fazerem uso dos meios de comunicação, visto que nem todas as informações apresentadas são confiáveis.

Alguns estudantes foram mais pontuais e afirmaram que não leem simplesmente porque não gostam. Um total de 11% assinou essa alternativa e podemos constatar que devem ser desenvolvidas ferramentas didáticas que aproximem o estudante da literatura.

Na pergunta subsequente, foi solicitado que eles indicassem quais as suas leituras preferidas. A partir disso, pudemos observar qual é a preferência literária desse grupo de estudantes.

O primeiro item que aparece na lista de preferências são as leituras religiosas, com um total de 19% de indicações. Esse tipo de leitura é proveniente da disseminação da doutrina cristã no país e das catequeses e estudos da Bíblia que são realizados por dezenas de igrejas. Logo em seguida, aparecem os romances com 15% da preferência dos estudantes. Esse gênero literário é comumente lido no ensino médio, pois, ao trabalhar com as escolas literárias do Romantismo e Realismo, por exemplo, muitos professores apresentam esse modelo de obra com o intuito de caracterizar as relações existentes na época.

O terceiro tipo literário favorito dos estudantes são os livros fantásticos; 13% dos alunos informaram gostar das obras que falam sobre fantasia com criaturas ou situações em que o sobrenatural esteja presente. As leituras seguintes são da categoria drama: 9% dos estudantes disseram gostar desse tipo de obra literária. Logo depois, aparecem com 8% das respostas os livros de terror e aventura. Em seguida, aparecem com 6% as obras literárias de ficção científica, humor e fan fiction. Com 5% das preferências aparecem as obras de diários de relatos, seguido de 4% que também tem preferência em ler livros de poesias.

Os resultados obtidos mostram que, embora não possuam o hábito frequente da leitura de livros literários, os jovens possuem muitas preferências que devem ser observadas pelos educadores e analisadas para que sejam trabalhadas da melhor forma possível.

A questão seguinte buscou saber dos alunos quantas dessas obras lidas foram por indicação da instituição de ensino que eles frequentam.

A pesquisa revelou que 55% dos alunos leram obras literárias por indicação da escola. Como foi apresentado anteriormente, essa leitura quase sempre é feita por obrigação, como forma de avaliação. Outros 40% disseram que somente algumas das leituras foram indicadas pela escola, as demais foram lidas por vontade própria. Apenas 5% afirmaram que, dos livros lidos até hoje, nenhum foi por indicação da escola.

Um dos estudantes ressaltou que *“a linguagem de alguns livros é muito complexa”*, e por esse motivo ele considerava as leituras pouco relevantes. Essa é uma questão pertinente para que suscitar a reflexão dos professores. É preciso conquistar os alunos com textos instigantes e que, preferencialmente, estejam relacionados a acontecimentos que eles vivenciam ou já vivenciaram, para que eles se sintam motivados a procurar outros tipos de leituras do mesmo autor ou com temáticas semelhantes, a partir daquelas que lhes foram apresentadas anteriormente.

Um estudante argumenta ainda que *“algumas leituras são interessantes, outras não são muito adaptadas ao público infantojuvenil, sendo difícil de entender o significado de algumas palavras”*. A partir das respostas é possível observar que as maiores queixas se dão pela não adequação da linguagem dos textos trabalhados pela escola com o público juvenil. E como Rildo Cosson afirma (2006), é preciso que os professores selecionem textos com linguagem adequada para a faixa etária e a realidade vivenciada pelos estudantes. É preciso, inicialmente, conquistar os educandos com leituras que os atraia e estimule a procurar outros textos semelhantes, e, à medida que houver o amadurecimento literário, o próprio estudante se tornará mais exigente e selecionará textos mais desafiadores.

Um dos educandos afirma que as leituras realizadas na escola são importantes, porque *“é uma maneira de incentivo, pois, se não fosse isso certamente teria lido muito menos”*. Essa argumentação mostra que a escola possui uma responsabilidade muito grande no processo de incentivo à leitura de obras literárias, mas que esse incentivo ainda não é suficiente. É preciso desenvolver atividades didáticas voltadas para o letramento literário, que permitam que mais estudantes tenham acesso a textos interessantes e lhes tragam grandes conhecimentos e reflexões.

Um discente ainda ressaltou que *“a leitura ajuda em nosso diálogo e amplia nosso conhecimento e aprendizado”*. E, nesse sentido, podemos concordar com a afirmação do estudante, pois, sem dúvidas, o contato com

obras literárias permite que a comunicação seja melhor e que o aprendizado adquirido ultrapasse a sala de aula e permita que os indivíduos tenham maior autonomia e conhecimento de mundo.

3. Considerações finais

A pesquisa apresentada buscou enfatizar a importância da leitura, bem como entender as dificuldades no processo de letramento literário nas escolas. Tendo como alguns objetivos identificar se os estudantes têm o hábito de ler obras literárias, analisar quais suas preferências e compreender quais motivos os distanciam da leitura literária.

O trabalho defendeu a ideia de que por meio da leitura é que os indivíduos serão capazes de desenvolver maior autonomia e criticidade. Por esse motivo, buscamos apresentar estratégias que auxiliem os educadores no trabalho com estudantes do ensino médio. O objetivo maior foi mostrar a importância da leitura de obras literárias na vida dos estudantes e ressaltar que é possível desenvolver atividades que estimulem a formação de jovens leitores.

De maneira geral, os resultados obtidos mostram que a maioria dos estudantes não tem o hábito de ler obras literárias. Embora tenham consciência da importância da leitura em suas vidas, eles ainda se mantêm distantes e pouco receptivos a essas leituras, o que pode contribuir para uma formação escolar desprovida de senso crítico e reflexivo. As leituras preferidas apontadas na pesquisa são os textos religiosos, os de romance e as histórias de fantasia. Alguns dos motivos pelos quais esses estudantes não têm o hábito de ler textos literários é que na maioria das escolas esse tipo de atividade é feito somente de forma obrigatória, sendo, portanto, um mero objeto de avaliação, além de existir uma sobrecarga de atividades escolares que inviabilizam o tempo de leitura.

Muitos fazem a substituição da leitura pelo uso da internet e aparelhos eletrônicos. Outros julgam os livros chatos e afirmaram que não leem simplesmente porque não gostam. A pesquisa revelou que a maioria dos jovens sequer leu dez livros completos ao longo da vida. Esse índice nos faz refletir sobre a maneira como a leitura vem sendo trabalhada na educação básica e compreender os desafios que os futuros professores terão que enfrentar para mudar essa realidade. Dessa forma, cabe aos profissionais da educação investir na formação leitora desses jovens, através de atividades didáticas que motivem os estudantes para a prática da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KLEIMAN, Angela B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro. (Org.). *Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações*. Natal: Edufrn, 2008.

LERNER, Delia. *Ler escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad.: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, Maria Helena Pires. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Cia. das Letras. 2016.

SAVELI, Esméria de Lourdes. Por uma pedagogia da leitura: reflexões sobre a formação do leitor. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. (Orgs.). *Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007.

SOARES, Margarida. A importância da leitura no mundo contemporâneo. *E-revista Ozarfaxinars*, n. 16, p. 1-13, 2010. Disponível em: <<http://www.cfaematosinhos.eu/ozarfaxinars.htm>>. Acesso em: 26-10-2018.

TANZAWA, Elaine Cristina Liviero. *Leitura e compreensão dos textos acadêmicos: um estudo junto a alunos de dois cursos de graduação*. 2009. Mestrado (em Educação). – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8780970-Elaine-cristina-liviero-tanzawa-leitura-e-compreensao-de-textos-academicos-um-estudo-junto-a-alunos-de-dois-cursos-de-graduacao.html>>. Acesso em: 24-07-2019.